

ARTIGO DE OPINIÃO

Conceito de Desenvolvimento

MARIA DO CARMO VALE

Unidade de Desenvolvimento – Hospital de Dona Estefânia

Resumo

A autora aborda os diferentes modelos de desenvolvimento humano que ao longo da história têm explicado o desenvolvimento de forma sucessivamente mais aperfeiçoada, transportando conceitos inovadores de grande aplicabilidade em pediatria e repercussão nas estratégias educativas.

Palavras-Chave: Desenvolvimento, pediatria, estratégia educativa.

Summary

Understanding Development

The human development has been studied over the history and different theories have tried to explain it with great applicability in pediatrics and learning strategies.

Key-Words: Development, pediatrics, learning strategy.

Conceito de Desenvolvimento

"Eu sou eu e as minhas circunstâncias..."

Ortega e Gasset

As teorias de desenvolvimento ajudam o clínico a observar e interpretar o universo através do olhar das crianças e, nomeadamente, a observar a panóplia de estratégias e experiências utilizadas ao longo do seu desenvolvimento.

Correspondência: Maria do Carmo Vale – Unidade de Desenvolvimento
Hospital de Dona Estefânia
Telef. (directo) Hospital Dona Estefânia: 21 312 67 46/66 70
Fax: 21 312 66 02/66 67
Telemóvel: 965 514 545

Recebido: 02.06.04
Aceite: 03.11.04

O conhecimento do desenvolvimento cognitivo e o conceito de pontos de referência são assim fundamentais para a avaliação de conflitos e (des)equilíbrio psico-afectivos, emocionais e dos desvios e anomalias do desenvolvimento.

Assim, a área do desenvolvimento investiga as estratégias e experiências da mente na organização do conhecimento e respectiva elaboração e transformação ao longo do ciclo de vida.⁽¹⁾

A palavra desenvolvimento é abrangente e aplicável a diferentes vertentes.

A perspectiva biológica é o processo pelo qual a criança, feto ou ser vivo em geral, cresce e altera o seu curso de vida.

A perspectiva biopsicossocial aborda a evolução das capacidades cognitivas, sociais e outras, observando e descrevendo as respectivas estratégias.

Qualquer que seja a visão subjacente, o desenvolvimento envolve sempre ganhos e perdas, é predominantemente normativo, embora contemple diferenças e desvios e é influenciado pelas características intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo.

É simultaneamente contínuo, (ocorre gradual e quantitativamente de forma cumulativa e aditiva) e descontínuo, condicionando novos comportamentos e formas de pensamento.

Se reflectirmos sobre o conceito de desenvolvimento em pediatria, numa perspectiva filosófica, verificamos que do séc VI ao séc XV a criança foi considerada um adulto em miniatura e retratada como tal, com expressões, actividades e vestes, em tudo idênticos ao adulto.

No séc XVI e sob a influência do movimento religioso protestante, a criança passa a ser vista de forma puritana, sem pecado ou mácula e é defendida a disciplina severa e punitiva como estratégia educativa eficaz.

John Locke, filósofo do liberalismo em Inglaterra no

sec XVII, compara a criança a uma tábua rasa ou papel em branco e difunde a teoria da existência de um carácter moldável pelas sucessivas e diferentes experiências, providenciadas pelos pais ou tutores, através de cuidadosa educação, afectos equilibrados, discriminação positiva e exemplos de vida efectiva.

Seguindo esta linha de pensamento, Rousseau, no séc. XVIII, incentiva os pais à receptividade e flexibilidade na observância das especificidades das diferentes fases de desenvolvimento das crianças, sublinhando a importância do património inato do indivíduo na diferenciação entre o bem e o mal, salientando simultaneamente o papel fundamental do jogo na educação e aprendizagem da criança.

Rousseau aconselha nomeadamente a "...amar as crianças, promover as suas brincadeiras, os seus prazeres, os seus deliciosos instintos...A infância tem a sua própria maneira de ver, pensar e sentir que lhe são característicos; nada é menos razoável que a sua substituição por nós próprios."

A partir do séc XIX, Charles Darwin inaugura o período científico em que as teorias são dominadas pela perspectiva biológica e integram um conjunto de definições, que descrevem, explicam e predizem o desenvolvimento. Com efeito as teorias biológicas e etológicas dedicam-se ao estudo dos hábitos dos animais e da sua acomodação às características ambientais sublinhando o determinismo genético e definindo a selecção natural como o processo electivo de transformação das espécies animais por adaptação às respectivas condições ambientais.

Mais tarde, no princípio do séc XX, Gesell defende que o desenvolvimento humano se processa de acordo com uma evolução biológica geneticamente determinada e, mais recentemente, as neurociências sublinham a importância da interacção e experiências no desenvolvimento da mente.

Numa perspectiva psicodinâmica, Freud, fundador da psicanálise, teve o mérito de chamar a atenção sobre a importância do inconsciente e a sua repercussão na personalidade e comportamento. Posteriormente, Erickson salienta a importância do conflito psicossocial como factor de crescimento emocional e identitário, descrevendo vários estadios (sobreponíveis aos descritos por Freud) – confiança, autonomia, iniciativa, competência e identidade – caracterizados não só pelo desenvolvimento fisiológico, mas também pelas exigências colocadas na criança pelos pais e sociedade.

Surge então o comportamentalismo como reacção às teorias psicanalíticas, alicerçado na observação e interpretação da realidade, rejeitando a universalidade dos estadios e defendendo a tese de que todo o comportamento é aprendido como resposta aos estímulos sociais.

Ao contrário das teorias psicanalíticas, o comportamentalismo não contempla a existência de vida interior,

dirige-se à parte menos nobre do homem, lidando apenas com desejos, pulsões e necessidades fisiológicas, ignorando a mente e tudo o que dela deriva: ideias, pensamentos, razão, esperança, criatividade, imaginação, vontade, sabedoria, consciência, atenção, intenção, responsabilidade e moralidade, etc.^(2,3,4). Tem, no entanto, impacto e aplicação da maior importância nas estratégias educativas e, Bandura, na sua teoria cognitiva social, sublinha os esforços da criança em compreender o universo (atenção, retenção, reprodução e motivação) através da imitação, as vantagens e desvantagens da utilização da punição e reforço positivo, concluindo que a aprendizagem e o desenvolvimento podem resultar da modelação do ambiente da criança por terceiros.⁽⁵⁾

Por sua vez, a perspectiva cognitiva tem o seu expoente máximo com Piaget que, integrando as disciplinas de psicologia, biologia e epistemologia, desenvolveu uma abordagem científica à compreensão e natureza do conhecimento e dos meios conducentes a uma cognição qualitativa e quantitativa.⁽⁶⁾

Piaget defende a actividade motora (motricidade global/manipulação de objectos – muito importante nas estratégias educativas) como essência da cognição e os processos de organização e adaptação como factores de consolidação das estruturas mentais. Afirma ainda que a cognição representa a organização da mente e os afectos consolidam a sua estruturação.

Posteriormente e na sequência do trabalho de Piaget, Kohlberg descreve vários níveis e estadios de desenvolvimento moral, indissociáveis do desenvolvimento cognitivo, que permitem a aquisição de estratégias para a realização de escolhas entre bem e mal, bem como os processos subjacentes à descentração social, sensibilidade ao outro, solicitude, solidariedade e conceitos de justiça e equidade.⁽⁷⁾

Assim sendo, actualmente o desenvolvimento cognitivo define-se como o processo através do qual a criança adquire formas de acção, pensamento e emoção progressivamente mais elaboradas rápidas e sofisticadas e o desenvolvimento moral como o processo através do qual o ser humano adquire sensibilidade, atitudes, valores, capacidades e predisposição para agir como ser moral.⁽⁷⁾

O comportamento seria então condicionado pela percepção do nosso próprio pensamento e sentimentos para a compreensão do outro, ou seja, da capacidade de introspecção, fundamental para o sucesso das relações sociais da criança.

Vygotsky fundamenta o desenvolvimento cognitivo em três vertentes, cada uma das quais apresenta a sua própria linha de desenvolvimento, marcadas pela emergência de novas formas de mediação, estratégias e sinais: filogénese (evolução humana), história cultural e ontogénese (desenvolvimento individual). A sua teoria sócio-cultural sublinha a importância da linguagem e meio cultural e dá ênfase

à cooperação e interacção através de um reportório social variado com outros adultos (pais, educadores e professores) e crianças em fase mais avançada de desenvolvimento, conducentes à aquisição de maneiras de pensar específicas à sociedade e cultura de origem. Deste modo a aprendizagem através de modelos, metáforas, jogo e canções reflecte a experiência cultural do meio e a interacção com pares e professores filtra o contexto social, sendo esta interface por sua vez definida pelo meio cultural. ^(1,4,7)

Para além destes considerandos, Baltes salienta a normatividade inerente ao grupo etário (puberdade, adolescência) e a normatividade histórica definida como as influências associadas ao tempo histórico, comuns a uma dada geração. Considere-se, por exemplo, a relação causal entre as graves perturbações biopsicossociais em populações pediátricas de países em confronto armado, permanentemente testemunhando a violência, a morte e as consequências angústia e insegurança, seguramente geradoras de adultos perpetuadores dos conflitos vividos.

As teorias de processamento da informação centram-se na informação que as crianças representam, os processos que utilizam para transformá-la e os limites da memória, condicionantes da capacidade de informação processada.

Integrando os conhecimentos de dinâmica social, psicologia e comportamentalismo, os modelos transaccionais, ao sublinhar a capacidade de relacionamento e interacção do ser humano, procuram investigar o conhecimento individual, o desenvolvimento e as competências em termos de orientação, suporte e estrutura providenciada pela sociedade para justificar as mudanças sociais ao longo do tempo (em termos de efeitos cumulativos de escolhas individuais), defendendo que o desenvolvimento ocorre no interior de um sistema complexo de relações que são influenciados pelos diferentes ambientes e actores.

É o caso dos modelos de Vygotsky, Bronfenbrenner e Brunner em que o termo desenvolvimento é aplicado ao processo de compreensão e reestruturação do nosso próprio ambiente ou meio ecológico em extractos de complexidade progressivamente acrescida (microsistema, mesosistema, exosistema e macrosistema) dando ênfase à relação entre o meio ecológico e a capacidade de desenvolvimento adaptativo – zona de desenvolvimento proximal – facilitadora da emergência de novos conhecimentos e aptências. ^(4,8,9)

Posteriormente Magnusson aperfeiçoou este modelo conceptual denominando-o modelo holístico integrado, sublinhando a importância do desenvolvimento ocorrer bidireccionalmente entre o funcionamento do indivíduo e o meio, integrados numa união enquadrada por factores intrínsecos ao indivíduo (cognitivos, biológicos, comportamentais) e factores situacionais, acentuando o facto do desenvolvimento não suceder isoladamente e fora de determinado contexto. ⁽⁹⁾

São pilares destes modelos, as características extrínsecas do meio onde a criança se desenvolve, bem como características intrínsecas (disposição, recursos e exigências) determinadas por factores biológicos, carácter e conduta, elas próprias determinantes e imperativas nas experiências requeridas conducentes à realização das potencialidades humanas.

Surge assim o conceito de resiliência ou resistência a factores adversos, caracterizada pela existência de autoestima, confiança na própria autoeficácia, capacidade de enfrentar desafios e extenso reportório na abordagem e solução de problemas por contraposição ao conceito de vulnerabilidade da criança ou susceptibilidade individual aos factores referidos. ^(3,4,5,7,10)

Assim sendo, a resiliência enquadra-se no conjunto de atributos disposicionais que desencadeiam respostas positivas da esfera intrínseca da criança, sendo apontados como factores protectivos, os afectos equilibrados (ligação afectiva electiva a adulto de referência), as práticas de sociabilização que fomentam a verdade, a autonomia e iniciativa, bem como os esquemas de suporte que reforcem a competência e valores da criança.

Quer se fale de transaccionismo (Pervin 1968), de determinismo recíproco relativamente ao funcionamento individual (Bandura 1978), contextualismo dialéctico (Baltes, Reese, Lipsitt 1980) modelo contexto-pessoa-processo (Bronfenbrenner, Crouter 1983), ou contextualismo desenvolvimental (Lerner, Kauffman 1985), todos estes modelos procuram explicar, de forma progressivamente aperfeiçoada, as complexas relações entre o homem, ambiente e época histórica, reflectindo e aprofundando as repercussões práticas a nível sanitário, educativo e de bem-estar social da criança. ⁽¹⁰⁾

"Eu sou eu e as minhas circunstâncias..." escreveu Ortega e Gasset. E eu acrescentaria... a minha época, a minha história, as minhas relações, a minha família, os meus amigos, o meu trabalho, os meus recursos, sonhos e ambições... a vontade de mudar ou acomodar...

Sófocles extasiou-se " Não há nada mais maravilhoso do que o homem ", Octávio Paz observou " Cada indivíduo é único e é composto por numerosos indivíduos que não conhece", Camões constatou "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...Todo o Mundo é composto de mudança..." Pascal ironizou " Fica pois, a conhecer, ó soberbo, o paradoxo que és para ti mesmo".

E é nesta busca incessante de si próprio que o homem, que já foi criança, se desenvolve, transforma e consome. ⁽¹¹⁾

Bibliografia

1. Yates T. Theories of Cognitive Development in Lewis M. Child and Adolescent Psychiatry. 2nd edition. Baltimore. *Williams & Wilkins*. 1996: 134-56.
2. Needleman RD. Growth and Development. Overview and

- Assessment of Variability. In Behrman RE, Kliegman RM, Jenson HB. Nelson Textbook of Pediatrics 17th ed. Philadelphia. *Saunders*, 2004: 23-7.
3. Kessen W. The Development of Behaviour in Levin MD, Carey WB, Crocker AC eds. *Developmental-Behavioural Pediatrics* 3rd edition. Philadelphia: *WB Saunders Company*, 1999: 1-13.
 4. Smith PK, Cowie H, Blades M Ed. *Understanding Children's Development* 3rd edition. Oxford: *Blackwell Publishers* 2001: 3-21.
 5. Smith PK, Cowie H, Blades M Ed. *Learning in a Social Context*. 3rd edition. Oxford: *Blackwell Publishers* 2001: 425-51
 6. Smith PK, Cowie H, Blades M Ed. *Cognition: Piaget's Theory* 3rd edition. Oxford: *Blackwell Publishers* 2001: 332-65.
 7. Ratlin MW. *Cognitive Development Throughout the Lifespan in Cognition*. John Wiley and sons inc. 2005: 451-64.
 8. Smith PK, Cowie H, Blades M Ed. *Learning in a Social Context*. 3rd edition. Oxford: *Blackwell Publishers* 2001: 425-51
 9. Bronfenbrenner U, Morris P. The Ecology of Developmental processes in Gomes Pedro J. *Stress e Violência na Criança e no Jovem*. Departamento de Educação Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa 1999: 21-95.
 10. Magnussen D. *Individual Development: A Holistic, Integrated Model* in Mohen P, Elder GH, Lusher K. *Examining Lives in Context: Perspectives on the Ecology of Human Development*. Washington DC. *American Psychological Association*: 19-60.
 11. Morin E. O Complexo de Adão in *O Método : A Humanidade da Humanidade*. *Publicações Europa América*. 2001: 111-24.